

A experiência *Les Plongeurs*: o teatro em língua estrangeira como estratégia de ensino-aprendizagem /

L'expérience *Les Plongeurs* : le théâtre en langue étrangère comme stratégie d'enseignement-apprentissage

*Lucília de Souza Teixeira**

Possui graduação em Letras (2006 - Francês-Português) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e licenciatura (2006 – Francês e Português) pela Faculdade de Educação (FEUSP). Defendeu o mestrado em 2010 e o doutorado em 2019 (FFLCH-USP). Atualmente, é tradutora e professora de francês e português para estrangeiros.

 <https://orcid.org/0000-0002-9539-1723>

*Vinicius Enguel de Oliveira**

Vinicius é graduando em Letras Francês/Português, com previsão de formação em 2021, pela Universidade de São Paulo. Em 2020, realizou um semestre de Lettres Appliquées na Université Lumière Lyon II. Atua como professor de FLE (Français Langue Étrangère) em instituições de ensino. Realiza iniciação científica na FFLCH-USP e é membro da trupe teatral *Les Plongeurs* sob a coordenação da Professora Doutora Cristina Casadei Pietraróia.

 <https://orcid.org/0000-0001-7006-6580>

*Heloisa Guimarães Pereira**

Heloisa é graduanda em Letras (Português/Francês) na USP, Universidade São Paulo, com previsão de formação em 2021. Leciona Português em curso preparatório para vestibular e trabalha como criadora de conteúdo (social media) e tutora de redação. Membro da trupe teatral *Les Plongeurs* sob a coordenação da Professora Doutora Cristina Casadei Pietraróia.

 <https://orcid.org/0000-0002-1570-652X>

*Caroline Ziruolo Piovani**

Caroline é jornalista e graduanda em Letras (Português/Francês) na USP, Universidade São Paulo, com previsão de formação em 2022. Trabalhou como produtora de conteúdo e revisora de texto em um portal

*

 luciliatex@gmail.com

*

 vinicius.enguel@usp.br

*

 helo.guimaraes@usp.br

*

 carolinepiovani@usp.br

de notícias. Caroline é bolsista de Iniciação Científica na FFLCH-USP e integrante da trupe teatral *Les Plongeurs* sob a coordenação da Professora Doutora Cristina Casadei Pietraróia.

 <https://orcid.org/0000-0001-7253-6435>

*Guilherme Silva**

Licenciando em Letras- Francês pela Universidade de São Paulo. Atualmente é bolsista CAPES pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da USP. Membro da trupe teatral *Les Plongeurs* sob a coordenação da Professora Doutora Cristina Casadei Pietraróia e da *Cia IndustriArte de Teatro*.

 <https://orcid.org/0000-0003-3056-3579>

*Fabiola Pereira da Silva**

Estudante de Letras Francês - Português. Atua há dois anos na área da educação aliada à comunicação. Membro da trupe teatral *Les Plongeurs* sob a coordenação da Professora Doutora Cristina Casadei Pietraróia e estagiou em escolas do estado de São Paulo em 2018. Atualmente, é assistente pedagógica do jornal Joca

 <https://orcid.org/0000-0003-3629-5552>

Recebido em: 20 jun. 2021. **Aprovado em:** 31 ago. 2021.

Como citar este artigo:

TEIXEIRA, Lucília de Souza. OLIVEIRA, Vinícius Enguel de. PEREIRA, Heloisa Guimarães. PIOVANI, Caroline Ziruolo. SILVA, Guilherme. SILVA, Fabiola Pereira da. A experiência ‘Les Plongeurs’: o teatro em língua estrangeira como estratégia de ensino-aprendizagem. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 10, n. Especial, p. 60-74, nov. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10016354>

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar o impacto do uso de elementos teatrais no ensino-aprendizagem de língua francesa na disciplina "Francês III", da Graduação em Letras-Francês da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, no primeiro semestre de 2019, e a consequente criação de um grupo de teatro francófono e suas experiências. A proposta de integrar o teatro à sala de aula de língua partiu da Profa. Dra. Cristina Moerbeck Casadei Pietraróia e foi realizada pela atriz e diretora de teatro Giuliana Cerchiari de Andrade por meio de encontros semanais em que foram trabalhadas questões relacionadas à consciência corporal, à projeção de voz, à fonética e à fonologia do francês, além de exercícios para desenvolver a subjetividade e a confiança dos discentes. Andrade parte das teorias desenvolvidas por Moshé Feldenkrais (1977), sobre consciência corporal, e por Claude Pujade-Renaud (1983), sobre o corpo discente em sala de aula, para integrar elementos das artes cênicas a exercícios corporais e vocais que permitam ao aprendiz de uma nova língua uma verdadeira imersão no difícil processo de aquisição linguística. Houve tamanha adesão ao trabalho proposto que, após o encerramento do semestre, um grupo de estudantes optou por sua continuidade através da formação da trupe “*Les Plongeurs*”, que encenou a peça *L'été de nouveau*, de Laurent Van Wetter (2016), durante o 1º festival 10x10 de teatro francófono no Brasil, que aconteceu em Brasília, durante o XXIII Congresso Brasileiro de Professores de Francês, em novembro de 2019.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino-aprendizagem de francês; Francês Língua Estrangeira; Corporalidade; Teatro.

*

 guilherme.braga.silva@usp.br

*

 fabiolaps@usp.br

RÉSUMÉ

Cet article vise à présenter l'impact de l'utilisation d'éléments théâtraux dans l'enseignement-apprentissage de la langue française dans le contexte de la discipline « Français III », de la licence en Lettres – Français à la Faculté de Philosophie, Lettres et Sciences Humaines de l'Université de São Paulo, au cours du premier semestre 2019, et par conséquent, la création d'une troupe de théâtre francophone et ses expériences. La proposition d'intégrer le théâtre dans la classe de langue a été faite par la professeure Dr. Cristina Moerbeck Casadei Pietraroia et a été supervisée par l'actrice et metteuse-en-scène Giuliana Cerchiari de Andrade. Cela s'est produit lors de réunions hebdomadaires au cours desquelles des thèmes liés à la conscience corporelle, à la projection vocale, à la phonétique et à la phonologie du français ont été abordés, ainsi que des exercices pour développer la subjectivité et la confiance des étudiants. Andrade part des théories développées par Moshé Feldenkrais (1977), sur la conscience corporelle, et par Claude Pujade-Renaud (1983), sur le corps des étudiants en classe. Le but est d'intégrer des éléments des arts de la scène avec des exercices corporels et vocaux qui permettent à l'apprenant d'une nouvelle langue de s'immerger véritablement dans le processus difficile d'acquisition de la langue. L'adhésion au travail proposé était telle qu'après la fin du semestre, un groupe d'étudiants a choisi de le poursuivre à travers la formation de la troupe « Les Plongeurs », qui a mis en scène la pièce *L'été de nouveau*, de Laurent Van Wetter (2016), lors du 1er Festival de Théâtre Francophone 10x10 au Brésil, qui s'est déroulé à Brasília, au cours du XXIII Congrès Brésilien des Professeurs de Français, en novembre 2019.

MOTS-CLÉS : enseignement-apprentissage du français ; français langue étrangère ; Corporalité; Théâtre.

1 Introdução

O bacharelado em Letras – Francês da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) tem duração de oito semestres durante os quais os alunos cursam disciplinas específicas de língua francesa, tradução e literaturas francesa e de expressão francesa, tendo por objetivo tanto a docência (neste caso, com a formação complementar de licenciatura) quanto o trabalho nas áreas literária, editorial, de tradução ou ainda a continuação dos estudos em nível de pós-graduação. Para tanto, o curso de língua, propriamente dito, é dividido em sete semestres, cada um deles trabalhando progressivamente as diversas competências linguísticas de modo a cumprir os requisitos linguísticos, culturais e literários do programa pré-estabelecido.

Neste cenário, no primeiro semestre de 2019, a Profa. Dra. Cristina Pietraroia, responsável pela disciplina Francês III (nível de transição A2 – B1, segundo o Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas - QECR), propôs um programa diferenciado, visando "metamorfosar" o ambiente da sala de aula, que julgava muito fechado e pouco interativo. Para isso, convidou a atriz e diretora de teatro, Giuliana Cerchiari de Andrade, também aluna do curso de francês, para trabalhar a consciência corporal dos aprendizes em sala de aula, tendo por objetivo aproximá-los da língua francesa e, por meio de jogos orais e práticas substantivamente teatrais (MASSARO, 2008), tornar seu processo de aprendizagem mais efetivo. Andrade fundamentou seu trabalho no estudo realizado pela escritora francesa Claude Pujade-Renaud (1983), sobre o corpo do aluno

em sala de aula, e na noção fundamental de Paul Zumthor (2014, p. 75), segundo a qual “é pelo corpo que o sentido é percebido”. Tais fundamentos tiveram por efeito trazer à tona a subjetividade por meio de jogos orais e corporais, da leitura de textos poéticos e narrativos e de diversas práticas teatrais com as quais os aprendizes puderam se identificar e, com isso, iniciar um processo de imersão no próprio ato de aprendizagem do idioma estrangeiro. Todo esse trabalho encontra pleno significado na palavra-valise “corporalidade”, criada por Claudemir Belintane (2017), e que, em nosso entender, foi o grande alvo da transformação realizada: o corpo e a oralidade dos alunos participantes.

Tendo em vista que a aquisição de uma nova língua é um processo complexo que demanda um contato constante com a língua em questão a fim de que uma certa fluência possa ser alcançada, vemos o quanto a aprendizagem do inglês se beneficia com o fato dele permear o cotidiano dos jovens brasileiros, tanto em termos linguísticos presentes nas redes sociais, em músicas que viralizam ou mesmo no transporte público, por meio de orientações sonoras para estrangeiros nas grandes metrópoles brasileiras, como é o caso do transporte metropolitano da capital de São Paulo. A língua francesa, ao contrário, apesar de ser a quinta mais falada no mundo, não é encontrada facilmente no cotidiano dos jovens brasileiros, o que aumenta o desafio de sua aprendizagem e de seu ensino. Para o aluno universitário de francês, o idioma aparece como algo distante e, muitas vezes, de difícil acesso. Por esse motivo, o uso das técnicas teatrais em sala de aula tornou-se, para nós, alunos da disciplina Francês III em 2019, tão importante: além de auxiliar na desenvoltura expressiva, na compreensão e na aquisição de vocabulário, os diversos exercícios de *mise-en-scène* permitiam-nos fugir de técnicas repetitivas e maçantes de aprendizagem recorrendo ao lúdico e ao corporal e nos colocando em um contato direto e intenso com a língua francesa.

2 O teatro em sala de aula

Habitualmente, o ensino de idiomas é pautado em práticas de linguagem que recaem, sobretudo, na oralidade e nos processos de percepção, tomando como base os preceitos comunicacionais da língua, a mesma baseada em um sistema de elementos sociais, através do qual seus falantes manipulam as mesmas regras gramaticais, os mesmos vocábulos e o mesmo sistema de elementos linguísticos. Por isso, trabalhar com o teatro foi inovador, visto que ele permitiu a transfiguração do ambiente tradicional da sala de aula, através de jogos que visavam a

criação e improviso, propiciando um espaço de ensino mais democrático e livre para a subjetivação.

No ambiente escolar tradicional, geralmente, acentua-se a competitividade e não há espaço para desvios de pronúncia em língua estrangeira, motivo pelo qual o que nos guiava, antes dessa experiência, eram as regras gramaticais e a imitação, sem que houvesse consciência das próprias ações corporais. É incentivado que, no espaço universitário, os estudantes recebam boas notas e se esforcem para alcançar a perfeição, isto é, o francês parisiense, amplamente ensinado e privilegiado no ensino de FLE, o que, muitas vezes, acaba desestimulando o aprendizado. Assim, Pietraroia e Andrade fizeram com que essa barreira cultural e acadêmica fosse quebrada para que pudessemos nos apropriar da língua francesa, sem ter medo de cometer erros gramaticais ou de pronúncia, mas aprendendo com eles.

Para isso, nos reuníamos sentados no chão, em roda, descalços, transfigurando o espaço educacional - estávamos expostos, olhando os rostos dos demais colegas, e não havia mais a figura de superioridade do professor em pé e das mesas direcionadas ao quadro negro, que reforçam a figura de autoridade deste. Em seguida, fazíamos exercícios que testavam nosso conhecimento sobre nossos próprios corpos, como alongamentos, massagens, exercícios de respiração e relaxamentos. Segundo Feldenkrais (1977), a consciência corporal é essencial para que o corpo execute uma tarefa de maneira obstinada, e isso vale para o aprendizado de língua estrangeira:

Não podemos nos tornar conscientes do que está acontecendo em nosso sistema nervoso central, até que nos conscientizemos das mudanças em nossa posição, estabilidade e atitude, porque essas são mais facilmente sentidas do que as que ocorrem nos próprios músculos. O sistema se organiza de tal forma que os músculos são preparados e estão prontos para executar ou evitar uma ação. (FELDENKRAIS, 1977, p.57)

Nesse sentido, é inegável a importância das artes quando se trata, essencialmente, do desenvolvimento da autoestima do indivíduo. O teatro, inclusive, possui um papel fundamental para o rompimento de barreiras que são colocadas no caminho para autoconfiança, nesse caso, do estudante de línguas estrangeiras.

Ademais, o meio acadêmico torna-se muitas vezes um ambiente que valoriza o individualismo e, por essa razão, questões externas de pressão e cobranças minam as ferramentas socioemocionais necessárias para o desenvolvimento satisfatório do novo idioma. Dessa forma, quando Pietraroia e Andrade, professora e aluna, propuseram a encenação de

alguma peça de teatro para a turma de Francês III, não se tratava apenas de exercitar a língua estrangeira, mas sim de um processo de descoberta de novas habilidades expressivas e, também, emocionais. Assim, os estudantes de francês tiveram a oportunidade de entrar em um ambiente menos competitivo, onde a pronúncia perfeita das palavras, por exemplo, não era mais importante que a linguagem corporal ou a prática de projetar os sentimentos através de falas ensaiadas.

A necessidade de humanização apresentada por Paulo Freire (1968/2017) está presente em situações de aquisição de um novo idioma, sendo essencial para a construção da autoestima linguística dos estudantes e a empatia do grupo, a fim de que eles se sintam à vontade para explorar suas capacidades e dificuldades durante o aprendizado. Por essa razão, exercícios que envolvam a conexão mútua (como as mensagens direcionadas, que identificam pontos específicos da coluna vertebral; a dinâmica do espelho, que exigia entrar em sintonia com um colega a fim de unificarem seus movimentos, entre outros) foram indispensáveis não somente para a consciência corporal, mas para o estabelecimento da intimidade entre os colegas da classe. Assim, a confiança no grupo foi estabelecida e, conseqüentemente, a confiança em si mesmo.

Segundo Andrade (2020), buscava-se não só explorar essas novas maneiras e estratégias para o ensino de *FLE* (francês língua estrangeira), mas, sobretudo, tornar os alunos mais autônomos nesse processo de aquisição da língua:

Como aluna da graduação em francês da FFLCH-USP, atriz e diretora de teatro, iniciei o primeiro semestre de 2019 entusiasmada para explorar novas maneiras de fazer com que o ensino-aprendizagem da língua francesa, tendo como espaço de experiência na disciplina de Francês 3, se tornasse uma experiência completa, proporcionando uma autêntica relação entre estudante e conteúdo. O objetivo aqui, focava em atingir um desfecho harmônico que transformasse a qualidade de presença de discentes em sala de aula, gerando uma postura autônoma em relação ao estudo e investigação da língua. (ANDRADE, 2020, p. 71)

Como ainda estávamos em um ambiente universitário, conhecido por apresentar maior rigidez, sem muitas trocas ou espaços para expressão artística, no início havia timidez, no entanto, uma aura de confiança instaurou-se sobre a classe, pois todos nós estávamos abertos à experiência e expostos uns aos outros. Assim, sem um olhar julgador, não havia motivos para ter vergonha e pudemos entender que o outro estava aprendendo tanto quanto nós. Durante o curso, realizamos as atividades propostas por Andrade para que tomássemos consciência do nosso corpo e voz, assim como das particularidades da língua: fonética, fonologia, sintaxe e morfologia, além de termos desenvolvido uma unidade como grupo:

Os jogos de criação de cenas coletivas foram propostos no decorrer do curso conforme o grupo ficava mais à vontade e unido. Ali ninguém era obrigado(a) a jogar. Poderiam estar lá com o intuito de aprender a língua, de viver um desafio, ou mesmo como um passatempo, mas isso não retirou a seriedade da presença que deveriam buscar nos jogos. (ANDRADE, 2020 p.74)

De acordo com Courtney (2003), o método dramático como estratégia de ensino-aprendizagem é a utilização do jogo dramático na aprendizagem de várias disciplinas, neste caso, o francês como língua estrangeira, de forma tal a “ajudar os estudos de língua através de representações de peças” (2003, p. 41), contemplando deste modo a ludicidade e o desenvolvimento da imaginação:

A característica essencial do homem é sua imaginação criativa. É esta que o capacita a dominar seu meio de modo tal que ele supera as limitações de seu cérebro, de seu corpo e do universo [...] A imaginação criativa é essencialmente dramática em sua natureza. É a habilidade para perceber as possibilidades imaginativas, compreender as relações entre dois conceitos e captar a força dinâmica entre eles. (COURTNEY, 2003, p.3)

Além dos exercícios e práticas teatrais, Andrade também nos apresentava livros com desenhos da coluna vertebral, dos músculos do pescoço e da face e do aparelho respiratório-vocal, o que nos fazia ampliar a percepção desses órgãos em nós mesmos. Assim, nasceu a consciência de que o falar engloba muito mais do que um ato intelectual, pois também se trata de um ato físico. Isso se expande quando falamos uma língua estrangeira, com vocábulos e fonemas que não nos são familiares, o que antes causava uma situação de insegurança.

Com essa experiência, aprendemos a diferença entre ausência e presença corporal, a importância da postura e, além de termos noção de nossos próprios corpos, aprendemos a perceber os corpos dos outros. Notamos que, quando estávamos tensos para falar em outra língua, o nervosismo atrapalhava – o que não ocorria em um ambiente de confiança com os colegas de classe. Alunos e professores estavam juntos, sentados no chão, e a criatividade era liberta.

Tendo isso em mente, constata-se que, por meio das estratégias lúdicas, acabou-se criando um ambiente de aprendizado livre, uma vez que, como estratégia pedagógica e referencial à corporalidade, “o jogo exercita o indivíduo física e psicologicamente, e toda nova aquisição é objeto desse exercício” (Courtney, 2003, p. 27). Ademais, o jogo teatral proporciona a captação e

direcionamento da concentração do grupo, pois trabalha a canalização da vitalidade dos envolvidos para seus ensinamentos e necessidades, como afirma Brougère (1998):

O jogo contribui indiretamente à educação, permitindo ao aluno relaxado ser mais eficiente em seus exercícios e sem sua atenção. Em segundo lugar, o interessante que a criança manifesta pelo jogo deve poder ser utilizado para uma boa causa. É possível dar o aspecto de jogo a exercícios escolares, é o jogo como artifício pedagógico (BROUGÈRE, 1998, p.54)

No campo mais restrito, o *jogo dramático*, além da dedicação pelo desfrute e pelo lúdico, contempla a personificação e/ou identificação (Courtney, 2003, p.XX), e desse modo, segundo Brougère (1998, p.55), optar pelo jogo como estratégia de ensino é captar a subjetividade do aluno e assemelhar ao conteúdo proposto, enriquecendo metodologias de ensino-aprendizagem e contando com maior entrosamento e atenção por parte do grupo.

3 A trupe *Les Plongeurs*

Ao final do semestre e da disciplina de Francês III, após estabelecermos a união como grupo de alunos e de (re)estabelecermos a relação com o francês, houve a proposta da docente, para que déssemos continuidade ao projeto, por meio da formação de uma trupe de teatro em francês, já que existia a possibilidade de participarmos do *XXII Congresso Brasileiro de Professores de Francês*, que aconteceu entre os dias 08 e 11 de outubro de 2019,, e, conseqüentemente, nos apresentarmos no *1º festival 10x10 de teatro francófono* no Brasil ocorrido durante o evento. A partir dessa proposição, doze alunos aceitaram tal proposta e formou-se o grupo denominado “*Les Plongeurs*”, nome que faz referência ao ato de mergulhar na língua, ação permitida pelo teatro.

O verbo *plonger* em francês significa “mergulhar” e o *plongeon* é uma ave que no Brasil recebe o nome de “mergulhão”, o nome foi sugerido por Pietraroia e indicava o que toda a experiência representava, uma imersão na língua francesa a partir de atividades não tipicamente acadêmicas. “Mergulhar como ideia de imergir em um meio, a ave como símbolo de liberdade pelo voo, seu mergulho em busca daquilo que lhe alimenta são imagens sensíveis que inspiraram o nome do grupo” (ANDRADE, 2020, p.81). Para a grande maioria dos participantes da trupe, essa

foi a primeira experiência em um congresso enquanto ouvinte e também participante, já que alguns de nós apresentaram *posters*.

Optou-se pela continuação do grupo em horário alternativo ao das aulas, pois os ensaios não estariam mais integrados a uma disciplina da instituição. Os alunos que aceitaram participar da experiência combinaram os melhores dias e horários entre si e, então, deu-se início a essa nova fase. Nesse momento, como a intenção era algo que ultrapassava as aulas de expressão e consciência corporal, foi estabelecido como objetivo comum a todos ali presentes a apresentação no congresso e deu-se início à montagem da peça. Então, foi feita a escolha do texto que seria trabalhado, a partir do rol de peças do livro *10x10 Tome II pièces francophones à jouer et à lire* (2016).

Com a peça definida, agrega-se a compressão escrita às competências que já treinávamos dentro dessa atividade. O primeiro passo foi a leitura de mesa do texto, que é a primeira leitura da peça com a presença dos atores, a fim de interpretar a história e realmente compreendê-la ao ponto de tornar-se espontânea para todos. Este momento foi o de sanar as dúvidas referentes ao vocabulário e sintaxe francesa, além disso, passamos a conhecer novas questões culturais desconhecidas até então que compunham o enredo. Como o trecho inicial da peça: *Il fait beau / Il fait chaud / C'est la fête des moissons* (VAN WETTER, p. 180). *Fête des moissons* é uma festa tipicamente francesa que ocorre durante a colheita, trata-se de uma celebração em prol do bom fornecimento das plantações e se liga a rituais da abundância. Buscar entender o conceito de "moisson" e saber mais sobre a festa e suas práticas é um dos elementos que nos fizeram conhecer mais sobre a cultura francesa e seus costumes, ampliando conhecimentos importantes que compõem o saber quando pensamos em aprender uma língua estrangeira.

Como o curso de Letras da USP não é necessariamente voltado para as artes do espetáculo de maneira prática, entrar no mundo das artes cênicas foi uma experiência nova para a grande maioria do grupo. Logo, a experiência de iniciar os ensaios de teatro foi enriquecedora dentro do processo de montagem da peça, ainda que o francês fosse a grande dificuldade, pois estávamos no processo de aprendizagem enquanto língua estrangeira, a atuação era um universo ainda mais enigmático.

Quando os exercícios teatrais foram aplicados para a montagem da peça, conseguimos enxergar a presença de palco de um ator – o que antes não era possível. Assim, o colega que interpretou um indivíduo fora de sua consciência normal, soube usar seu corpo para fazer a

interpretação do texto: curvava-se, tinha os ombros caídos, o olhar perdido e as pernas bambas. Já o colega que interpretava uma criança falava como tal, tinha um tom de voz doce e o olhar ingênuo. Tudo isso articulado aos diálogos em francês, que não eram apenas decorados, fluíam naturalmente assim que entrávamos no “corpo” dos personagens.

Pujade-Renaud surgiu com o termo “estudante zumbi” para classificar o papel classicamente atribuído ao aluno em sala de aula, isto é, aquele que ativa apenas os ouvidos e as mãos durante o curso, colocando a escrita em um lugar impróprio ao passo que oprime a expressão individual (PUJADE-RENAUD, 1983, p.13). A quebra do estado de “zumbi”, comumente atrelado ao ensino universitário, a partir das atividades teatrais, foi um processo que inicialmente causou estranhamento ao grupo, não sabíamos como agir diante daquela situação que era nova e desafiadora. Contudo, gradualmente o ambiente universitário se ressignificou dentro daquele espaço e fomos nos libertando da timidez e do receio que passamos anos sendo “ensinados” a ter.

Dessa forma, a consciência corporal foi essencial para aprendermos a língua estrangeira. Durante os ensaios e passagens do texto, os movimentos do corpo eram gatilhos para lembrarmos das estruturas dos diálogos. Por exemplo, ensaiávamos coreografias para a primeira cena da peça em que, ao mesmo tempo que fazíamos um meio círculo com os braços, pronunciamos as frases “*il fait beau, il fait chaud*”. Logo, o grupo não tinha medo de esquecer alguma fala, porque a peça estava dentro de nós, em nossos corpos e mentes.

Para o estudo fonético, eram realizados exercícios por meio de jogos. Ainda em roda, um estudante jogava uma bola para outro, que deveria falar determinadas sílabas em francês. As sílabas seguiam uma ordem e eram estrategicamente escolhidas pela professora, que sabia de nossas maiores dificuldades como brasileiros aprendendo francês. Com isso, entendemos de forma prática as diferenças dos sons de [õ], [ã] e [œ] e aplicamos esse conhecimento para as palavras [vont], [vent] e [vin].

Como as aulas haviam sido realizadas de forma dinâmica, em um ambiente seguro e descontraído, como se fosse um jogo, não tínhamos medo de errar. Pudemos, assim, entender a importância da entonação e projeção da voz, do ritmo da prosódia da língua francesa e das expressões faciais para a realização de determinado fonema - tudo presente na prática para a realização da peça teatral.

Nesse cenário, aprender o francês foi uma tarefa prazerosa e divertida. Não havia comparações entre os estudantes ou repressão. Além disso, ganhamos confiança para libertar a

fala dessa língua estrangeira, que antes estava cercada por uma grande barreira para muitos de nós. A partir do momento em que quebramos tal barreira, não só as atividades práticas eram encaradas de maneira mais descontraída e divertida, como também o processo de aprendizado da língua francesa se tornou mais natural. Todo o processo era realizado em francês, de forma que a língua começou a fazer parte do nosso cotidiano e se tornou rotineira dentro daquela realidade. Começamos a adquirir maior intimidade com o francês e, em alguns meses, todos sentíamos que tínhamos evoluído em algumas competências linguísticas, principalmente, compreensão e produção oral, visto a questão prática da proposta.

Para que nós, Plongéons, conseguíssemos realizar a montagem da peça, foi preciso, de fato, uma imersão rápida na língua, assim como a apropriação do texto, dada por meio de leituras de mesa e interpretação das entrelinhas e intenções que o autor buscou dar ao texto, pesquisas individuais e construções dos personagens:

O espaço foi se transformando conforme o estudo do texto se expandia para pesquisa individual. Na peça “L’été de nouveau”, dividida em cinco atos, personagens passam pelas quatro estações do ano a partir do verão e retornam a ele no último ato, caracterizando a ideia de ciclo da vida. Após a leitura, o exercício proposto para o elenco foi pesquisar em seus próprios corpos-vozes como acontecia esse ciclo, por onde essas estações passavam, quais partes do corpo as representavam e por quê. Este exercício foi extremamente importante para instigar a elaboração de suas auto-imagens, permitindo que as personagens fossem construídas a partir de suas individualidades e não de uma ideia pronta e estereotipada do que elas poderiam ser. (ANDRADE, 2020 p. 78)

A prática da interpretação de uma história com elementos que possam auxiliar na ritualização e significação da narrativa encontra eco em questões de performance e oralidade, além de ter permitido o trabalho com o desenvolvimento da imaginação, por meio da criação, dando um novo sentido a mesma, contrariamente a uma leitura sem interpretação, que pode não ter sentido, como levantado por Zumthor:

Da performance à leitura, muda a estrutura do sentido. A primeira não pode ser reduzida ao estatuto de objeto semiótico: sempre alguma coisa dela transborda, recusa-se a funcionar como signo... e todavia exige interpretação: elementos marginais, que se relacionam à linguagem e raramente codificados (o gesto, a entonação), ou situacionais, que se referem à enunciação (tempo, lugar, cenário). Salvo em caso de ritualização forte, nada disso pode ser considerado como signo propriamente dito – no entanto, tudo aí faz sentido. (ZUMTHOR, 2014, p. 73)

Além disso, a leitura e memorização dos textos nos ajudou a introjetar questões da língua que até hoje são referências para nós. A sintaxe das frases, por exemplo, é passível de ser modificada para formar-se novas a partir de uma já estudada. Ademais, algumas expressões, como *Arrête de dire n'importe quoi* (VAN WETTER, p. 181), eram-nos desconhecidas e passaram a integrar “nosso dicionário” após a peça.

Após esse processo de reconhecimento e apropriação do texto, que foi destrinchado minuciosamente por todos nós, era hora do processo de montagem de cenas, um trabalho coletivo sob a supervisão e orientação de Andrade que acompanhou o grupo em todos os momentos. Com os personagens todos definidos, passávamos cada vez mais tempo na companhia uns dos outros, nos encontrando em períodos além daqueles determinados para os ensaios, a fim de poder trabalharmos as demais partes da peça, como figurino, cenário e sonoplastia.

Com essa afinidade, ficou evidente que o grupo passou a trabalhar harmoniosamente e de maneira afinada, o que só foi possível por conta do projeto anterior realizado na disciplina de Francês III, visto que já tínhamos a intimidade de um grupo de teatro típico, pois havíamos sido capazes de ultrapassar a outra barreira que outrora nos separava, a de meros colegas de curso. Essa ligação tornou-se essencial para nos envolvermos profundamente com o projeto, que já nos era muito caro e especial. Já nos sentíamos cada vez mais confortáveis com os elementos do mundo cênico, apesar de sermos quase todos amadores, salvo alguns dos integrantes que já estavam habituados com esse meio.

Com a aproximação da data de apresentação, surgiu a oportunidade de realizarmos uma imersão teatral na *Maison Culturelle*, centro artístico da escritora e artista plástica, Sandra Catroux, que esteve acompanhando o grupo desde a sua formação, ajudando com as pronúncias e entonação dos textos. Com essa primeira “saída” do ambiente universitário, cujas salas de aula até então eram o espaço demarcado para a realização dos nossos ensaios, pudemos perceber que todo aquele trabalho com exercícios corporais e leituras dramáticas estava se configurando, efetivamente, em um verdadeiro espetáculo de teatro. Na *Maison Culturelle*, mergulhamos com maior intensidade no processo de construção das cenas, a fim de que as partes da peça pudessem, finalmente, integrarem-se:

Um extenso treino se intensificou quando decidimos fazer imersões de 24 horas. O grupo partiu para a chácara da artista plástica e escritora Sandra Catroux durante o último final de semana de agosto. Lá, houve o trabalho intenso de certas cenas, em que o elenco investigou a relação entre as

personagens, suas sensações e, principalmente, a expressão da fala. O mais interessante nessa etapa foi notar que a compreensão do vocabulário e a da pronúncia se expandiram significativamente com a experimentação da presença cênica, e isso se deve ao fato de terem escutado suas próprias vozes, além de estarem ativo(a)s para realizar a ação com consciência. A dinâmica na aprendizagem da língua começou a ser modificada. (ANDRADE, 2020 p. 79)

Outro ponto em que a montagem e a apresentação da peça foram importantes na nossa experiência como discentes diz respeito ao conhecimento de outras formas de ensino. Enquanto estudantes de Letras, um dos caminhos que podem ser seguidos profissionalmente é a docência e, atualmente, alguns membros do grupo são professores de francês. Ao participar do grupo de teatro, adquirimos conhecimento de novas formas de ensinar, atividades fora do convencional que podem ser utilizadas pedagogicamente e técnicas que funcionaram bem na dinâmica do grupo:

Acredito que a experiência foi muito enriquecedora na questão didática, enquanto professores, estamos constantemente observando os métodos pedagógicos disponíveis e buscando aprender para aprimorar nossas aulas. Ao ter acesso ao método que descaracteriza o 'estudante zumbi' achei muito interessante algumas atividades e pude julgar aquilo que achei que funcionou bem e aquilo que prefiro não fazer. Quando observamos uma aula além de aprender aquilo que queremos fazer, também vemos o que não achamos bom. (Relato de participante do grupo, 2021)

Ainda que tudo seja uma experiência válida, tivemos a chance de aguçar nosso lado crítico ao entender o que funcionava melhor e o que precisava de reparos dentro das atividades do grupo de teatro. Quando não possuímos algo institucionalizado, que nos é ensinado como caminho uno e correto, temos a chance de enxergar de uma outra forma. Isso tudo molda nosso caminho enquanto estudantes e professores, integrando nosso rol de artifícios linguísticos e culturais.

Conclusão

A partir de todas as atividades e experiências que vivemos dentro do *Les plongeurs* é notável quão múltipla nossa vivência foi. Tivemos ganhos culturais, gramáticas e sociais, visto o laço criado entre os membros do grupo que atualmente ainda persiste. A experiência agregou na vida de todos nos mais diversos âmbitos, de forma que ainda ressoa na individualidade de cada participante, quando lemos um livro e não temos grande dificuldade, quando vamos dar aula e usamos alguma técnica aprendida ou quando vamos falar francês e isso acontece de forma mais

fluida. Quando houve a necessidade de transformar a língua em um instrumento constituinte da atuação ao invés de enxergá-la como uma barreira, diversos paradigmas foram superados e aconteceu certo incentivo para continuarmos dedicando-nos ao francês e aprendendo mais sobre a parte cultural e linguística da língua.

Ademais, tivemos diversas experiências enriquecedoras que transcenderam a peça em si. Fomos convidados para um coquetel na Embaixada Francesa, onde tivemos a chance de ter contato com inúmeros francófonos, praticando a língua fora da sala de aula. Também participamos do congresso e assistimos às peças de teatro dos outros grupos. Dessa forma, a experiência também agregou nossa vida com diversas experiências no âmbito cultural.

Finalmente, gostaríamos de agradecer à Giuliana Andrade, nossa diretora com grande visão de palco, à Sandra Catrouxo, por todas as dicas artísticas e incentivo ao longo do percurso, ao escritor Laurent van Wetter, que nos proporcionou um excelente ateliê de atuação e, é claro, à professora Cristina Pietraroia, a responsável pela realização de toda a experiência, que nunca duvidou que tudo isso seria possível e acreditou em nosso potencial. Muito obrigado!

CRedit
Reconhecimentos: Não é aplicável.
Financiamento: Não é aplicável.
Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
Aprovação ética: Não é aplicável.
Contribuições dos autores: Lucília Souza Lima Teixeira - Conceitualização, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição. Vinícius Enguel de Oliveira- Conceitualização, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição. Heloisa Guimarães Pereira - Conceitualização, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição. Caroline Ziruolo Piovani - Conceitualização, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição. Guilherme Silva - Conceitualização, Investigação, Metodologia, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição. Fabiola Pereira da Silva - Conceitualização, Investigação, Metodologia, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

Referências

ANDRADE, G. C. Corpo e Conhecimento: propostas para um encontro. *IPOTESI - Revista de Estudos Literários*, v. 24, n. 1, 2020.

BELINTANE, C. *Da corporalidade lúdica à leitura significativa: Subsídios para a formação de professores*. São Paulo: Scortecci, 2017.

BROUGÈRE, G. *Jogo e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

COURTNEY, R. *Jogo, Teatro e Pensamento*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

FELDENKRAIS, M. *Consciência pelo movimento*. Tradução Daisy A. C. Souza. São Paulo: Summus, 1977.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro | São Paulo: Paz&Terra, 2017.

MASSARO, P. *Teatro e língua estrangeira: entre teoria(s) e prática(s)*. São Paulo: Editora Paulistana, 2008.

PIETRAROIA, C.M.C. Da imitação à criação em língua estrangeira: poder ser um outro. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 9, p. 12-36, nov. 2020.

PUJADE-RENAUD, C. *Le corps de l'élève dans la classe*. Paris: ESF, 1983.

VAN WETTER, L. *L'été de nouveau*. In: _____. Recueil 10sur10 pièces francophones à jouer et à lire (tome 2). Pózna (Pologne): DramEdition, 2016.

ZUMTHOR, P. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.